



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-3348

E-ISSN 2316-3801

DOI - 10.17564/2316-3801.2018v7n1p127-136

SUICÍDIO: O DILACERAMENTO DO SER DIANTE DA RUPTURA DOS LAÇOS SOCIAIS

SUICIDE: THE DILACERATION OF BEING BEFORE THE RUPTURE OF SOCIAL TIES

SUICIDIO: EL DESGARRO DEL SER ANTE LA VIOLACIÓN DE LOS LAZOS SOCIALES

Danielle Xavier de Santana Silva¹
Adriana Conrado de Almeida³

Maria do Socorro Orestes Cardoso²

RESUMO

As mortes por suicídio crescem em escala mundial. O último Relatório da OMS sobre a prevenção do suicídio (2014), propõem mostrar que Suicídios são evitáveis. Dessa forma, o suicídio designa às ciências sociais papel na observação desse fenômeno. O objetivo desse estudo foi realizar uma reflexão dos casos através do método proposto por Ernest Greenwood. O método implicou na observação dos dados da OMS sobre o suicídio, de acordo com a classificação geoeconômica dos países, através do paralelo entre suicídio e o IDH. O resultado mostrou aumento das taxas de suicídio, expressiva entre países emergentes e não desenvolvidos. Contudo, as causas que

levaram os indivíduos a esse ato extremo permanecem obscuras. Conclui-se, ser importante a tarefa de refletir as causas do suicídio, e destacar que a morte intencional praticada pelo próprio indivíduo requer, fundamentalmente, o envolvimento das ciências compatíveis com o objetivo de compreender por que o desejo pela morte é comumente idealizado em diferentes partes do mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Individualismo. Suicídio. Violência. Vítima.

ABSTRACT

Deaths from suicide grow worldwide. The latest WHO Report on Suicide Prevention (2014), propose to show that Suicides are preventable. In this way, suicide assigns to the social sciences a role in the observation of this phenomenon. The objective of this study was to carry out a reflection of the cases through the method proposed by Ernest Greenwood. The method involved the observation of WHO data on suicide, according to the countries' geo-economic classification, through the parallel between suicide and the HDI. The result showed an increase in suicide rates, significant among emerging and undeveloped countries. However, the causes that led individuals

to this extreme act remain obscure. It is concluded that the task of reflecting the causes of suicide is important and emphasizing that the intentional death practiced by the individual requires, fundamentally, the involvement of compatible sciences with the objective of understanding why the desire for death is commonly idealized in different parts of the world.

KEYWORDS

Individualism. Suicide. Violence. Victim.

RESUMEN

Las muertes por suicidio crecen a escala mundial. El último informe de la OMS sobre la prevención del suicidio (2014), propone mostrar que los suicidios son evitables. De esta forma, el suicidio designa a las ciencias sociales papel en la observación de ese fenómeno. El objetivo de este estudio fue realizar una reflexión de los casos a través del método propuesto por Ernest Greenwood. El método implicó en la observación de los datos de la OMS sobre el suicidio, de acuerdo con la clasificación geoeconómica de los países, a través del paralelo entre el suicidio y el IDH. El resultado mostró un aumento de las tasas de suicidio, expresivo entre países emergentes y no desarrollados. Sin embargo, las

causas que llevaron a los individuos a ese acto extremo siguen siendo oscuras. Se concluye, ser importante la tarea de reflejar las causas del suicidio, y destacar que la muerte intencional practicada por el propio individuo requiere, fundamentalmente, la implicación de las ciencias compatibles con el objetivo de comprender por qué el deseo por la muerte es comúnmente idealizado en diferentes partes del mundo.

PALAVRAS CLAVE

Individualismo. Suicidio. Violencia. Víctima.

1 INTRODUÇÃO

O suicídio é a trágica e intempestiva perda da vida humana. O mais devastador e perplexo de tudo isso é ser representado por um “ato da vontade do indivíduo”, de provocar sua morte. O vocábulo é constituído de dois verbetes, a saber: *sui* (si mesmo) e *caedes* (ação de matar). Os atos suicidas são definidos como comportamentos potencialmente autolesivos com evidência de que a pessoa pretendia se matar.

Pensar na crescente taxa mundial de mortes por suicídio é logo deter-se em características sociais pautadas no conflito subjetivo que aflige os indivíduos, fortemente expropriados em suas relações sociais, sendo acentuadas, independente das posições territoriais, econômicas e culturais em algum momento de sua existência. A “autodestruição” foi evidenciada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como a segunda causa morte do mundo, superando as taxas de mortes provocadas por guerras e homicídios, uma preocupação pertinente diante das 800 mil pessoas que se suicidam a cada ano, equivalendo a uma morte a cada quarenta segundos.

Suicídio, mais que uma questão filosófica ou religiosa, é um problema de saúde pública que, segundo a OMS é responsável por 24 (vinte e quatro) mortes diárias no Brasil e 3.000 (três mil) no mundo todo, além de 60.000 (sessenta mil) tentativas (Bertolote; Mello-Santos; Botega, 2010).

Dentro da amplitude das práticas suicidas, o último Relatório da OMS sobre a prevenção do suicídio (2014), o coloca como prioridade na Agenda de Saúde Pública Global, atribuindo uma prevenção multissetorial por entender sua complexidade e múltiplos fatores, com o propósito de mostrar que suicídios são evitáveis e decorrentes de um processo social que vai muito além da construção biológica. Dessa forma, a eminente prática de suicídio, tentativa e ideação suicida designam às ciências sociais papel fundamental na observação desse fenômeno, posto como prática violenta autoprovocada intencionalmente. Nessa perspectiva o suicídio torna-se um importante problema de sociedade, con-

sagrando-se como objeto de pesquisa da sociologia e da antropologia das emoções.

Este artigo, seguindo a linha de argumentação do sociólogo francês Émile Durkheim (Durkheim, 1897) com o qual o suicídio é uma evidente ruptura de laços sociais, diagnosticado de maneira universal nas sociedades, objetiva investigar o suicídio em sua dimensão sociológica. A manifestação da ruptura dos laços afetivos, emocionais e estruturadores da sociedade é um evento particular do comportamento humano, disseminado na prática suicida, como numa espécie de determinismo que é exterior ao indivíduo. O desejo pela morte, associado ao ato violento, expressa condicionantes que estão para além do que o indivíduo pode perceber, pois tão logo inseridos no processo de socialização, ou o indivíduo se enxerga como extensão do seu meio social, ou o indivíduo não se enxerga como partícipe desse meio social.

De acordo com Durkheim há três tipos de suicídio, classificados a partir do sentimento de pertença e do grau de fortalecimento dos laços sociais em que estão inseridos os indivíduos na sociedade: O Suicídio Egoísta, o Suicídio Altruísta e o Suicídio Anômico. O Suicídio Egoísta, característico das sociedades modernas, acontece quando os indivíduos se sentem apartados do seu meio social, pois partimos do pressuposto que as pessoas estão integradas por meio do trabalho, das obrigações sociais e dos laços familiares e comunitários, com isso estes indivíduos egoístas se encontram num individualismo exagerado, como exemplo os casos de suicídios após fim de relacionamento.

O Suicídio Altruísta, característico em sociedades que regulamentam de forma excessiva suas regras sociais, tendem a acontecer quando o indivíduo é capaz de promover grande internalização de regras sociais e dessa forma ser capazes de promover posturas similares aos homens bombas do Estado Islâmico. E o Suicídio Anômico é uma característica de sociedades que apresentam em algum grau, ausência em suas regras e falta de limites com os quais deveria ser mantida a coesão social. Entretanto a anomia (falta de governo) promove o caos, como por exemplo, as grandes crises econômicas, conseqüente desemprego ou perda de poder econômico.

Segundo Gonçalves e Oliveira Júnior (2011), o indivíduo tira sua própria vida porque é incapaz de reconhecer o que é certo ou errado, enquanto na proposta durkheimiana, o indivíduo tira sua própria vida porque internaliza sentimentos intensos de não pertencimento do seu meio social, por meio do mecanismo de relações. Dessa forma, a “incompetência” para atingir “metas sociais” impostas pelas instituições, sejam elas: escola, trabalho, família, igreja, propicia um maior sofrimento e, conseqüentemente a própria aniquilação (suicídio), daqueles que compõem o objeto de estudo da sociologia, que é o indivíduo/sujeito construído, a partir de suas relações.

No tocante aos estudos sobre o suicídio é importante reforçar outra corrente que leva em consideração o conceito de individualismo dentro de uma abordagem mais antropológica do que sociológica no campo das ciências sociais. O individualismo como decorrência da cultura ocidental moderna que rapidamente adoece e se insere na desenfreada “medicalização” e “psicologização” do sujeito social (DUARTE, 1998) possibilita profunda análise das sociedades contemporâneas.

Assim, por meio da observação da experiência e costume particular dos indivíduos (CAVALCANTE, 2004), sobretudo, por meio da prática suicida como um fato visível e de grande repercussão, compete às ciências sociais refletir o porquê pesquisas empíricas tendem a compreender o suicídio mais como “doença” do que como um fenômeno socioantropológico. Dessa maneira, até que ponto está independente as condutas individualistas daqueles que anseiam a morte? Até que ponto o suicídio deve ser mantido na esfera privada do particular?

Entre as investigações relevantes ao tema estudado, foi necessário o aumento da percepção do particular diante das relações sociais, tornando-se fundamental a observação da categoria de vítima, enquanto categoria à civilidade. A categoria vítima ganhou poder mediador ao convocar a comunidade emocional para o reconhecimento aos fatos de violência pela ótica dos que sofreram (JIMENO, 2010). Essa propagação da violência “auto-provocada”, tocou de forma precisa a sociologia e seu objeto de estudo, na

compreensão do suicídio não apenas como condutas individualistas, mas também como um caso de saúde pública (MINAYO, 1998) ou como na forma reiterada Durkheimiana de “fato social”, este como o qual caracteriza todas as maneiras de agir, sentir, fazer ou pensar suscetíveis de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior, ou seja, social.

Para acompanhar a evolução da prática suicida e seus impactos sociais, deve ser crucial a exploração minuciosa das causas grupais, com as quais precisa de observação não apenas das ciências sociais. Entretanto, o aprofundamento da problemática do tema é próprio da análise social, que embora estudada pela medicina e pela psicologia, representa o domínio investigativo empírico da sociologia e da antropologia, tão logo observado os indivíduos inseridos numa estruturação reestruturada de significação, seja a partir da observação particular do sujeito frente às instituições (antropologia) ou da observação coletiva das instituições frente aos sujeitos (sociologia).

Dessa forma, a fim de possibilitar a participação das ciências sociais ao estudo do fenômeno suicídio, com objetivo de investigá-lo em sua dimensão social, o presente estudo propôs uma reflexão a partir de dados secundários, com intento de proporcionar maior participação da sociologia e da antropologia dentro das discussões.

2 MÉTODO

Com o intuito de perceber o fenômeno do suicídio à luz das ciências sociais, foi realizado um estudo por meio de dados secundários, a fim de compreender a magnitude e complexidade da violência auto afligida pelo ser humano. Adotou-se como critério de reflexão para os casos de suicídio a técnica proposta por Ernest Greenwood¹ que propôs uma classificação simples de métodos de investigação e, que amplamente foram divulgadas e usadas no domínio das ciências sociais. Tais critérios permitiram além de recolher informações

1 Natural da Romênia emigrado para os EUA após perseguição semita (1910-2004). Bacharel em Sociologia na Universidade de Ohio (1933), Mestre em Sociologia na Universidade de Cincinnati (1936), Doutor em Sociologia na Universidade de Columbia (1947).

OMS discutir por meio de dados secundários, o que pode ou não levar o indivíduo a ceifar sua própria vida.

O método de análise extensiva, ou seja, a reflexão de qualquer problema de pesquisa de cunho sociológico que implique na observação minuciosa de fatos, por vezes não observados em pesquisas apenas de cunho quantitativo, busca focar em problemas gerados pela simbiose indivíduo e sociedade. Os dados coletados sejam eles, extraídos direta ou indireta, por meio do uso de bancos de dados secundários, entrevistas ou questionários aplicados, objetivam construir respostas antes não observadas e, dessa maneira, passíveis de reflexões tanto quantitativas quanto qualitativas.

Este método é muito utilizado para explicar determinado fenômeno que envolva uma população muito vasta como é o caso do suicídio. Deve ser privilegiado a recolha de dados, com vista a calcular uma determinada amostra específica, pois se tratando de um estudo que envolva grande população, torna-se impossível fazer entrevistas com todas as pessoas. Por isso, seleciona-se um pequeno conjunto de elementos, representativo da população alvo, capazes de permitir análises profundas do fenômeno social abordado. A amostra é constituída por um pequeno recorte da vasta população que dela pertence e, daí se recolhe e analisa os dados, a fim de generalizar, diante do universo da população inserida na problemática do estudo, às conclusões pertinentes e capazes de propor maior difusão reflexiva.

A população suicida da pesquisa foi coletada com base nos dados da OMS, por meio de seu Primeiro Relatório sobre Prevenção ao Suicídio, construído em maio de 2013, realizado na 66ª Assembleia Mundial de Saúde e, divulgado na comunidade internacional em 2014. A partir deste momento proposto em 2014, o suicídio passa a ser considerado como uma das condições prioritárias do Programa de Saúde Mental da OMS, o que compromete o Brasil como Estado-Membro a assumir o compromisso na redução das taxas de suicídio em 10% até 2020.

Foram medidas as taxas de suicídio de alguns dos principais países classificados como: desenvolvido, emergente ou desenvolvimento e, subdesenvolvido. A taxa de suicídio foi observada de acordo com a corres-

pondência do suicídio no mundo, tanto com suas condições sociais relevantes e, para este artigo o cerne da questão, quanto observados o acesso a determinados meios utilizados para consumação do desejo pela morte.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo dados do relatório da OMS, há pelo menos um país, de acordo com a distribuição dos países segundo o índice de desenvolvimento humano (IDH), que circunscreve a taxa de 75% dos suicídios mais praticados, sendo: emergentes ou em desenvolvimento (Brasil, China, México, Peru e Rússia) ou subdesenvolvidos (Mali, Angola, Paquistão, Sudão e Etiópia). Com isso, observou-se uma relação direta nas condições de vida, sustentabilidade, convívio social e consequente estreitamento dos laços sociais dos indivíduos. (TABELA 1).

Tabela 1 – Distribuição dos países, por IDH e Taxas de Suicídio - 2015

Casos de suicídio por 100.000 habitantes, 2015.		
Argentina	23,7%	Desenvolvido (IDH – Muito Elevado)
EUA	19,5%	
Arábia Saudita	5,5%	
Austrália	15,3%	
Canadá	15,3%	
Peru	9,2%	Emergente ou Em Desenvolvimento (IDH – Elevado e Médio)
Brasil	9,6%	
México	8,1%	
Rússia	32,2%	
China	7,7%	

Casos de suicídio por 100.000 habitantes, 2015.		
Angola	38,1%	Sub Desenvolvido (IDH – Baixo)
Etiópia	20,7%	
Mali	14,5%	
Paquistão	2,5%	
Sudão	16,6%	

Fonte: OMS.

A OMS estima que a prática do suicídio tenha aumento significativo no mundo todo, podendo chegar a mais de 1,5 milhões até 2020. Dessa forma, o que leva o indivíduo a cometer suicídio? Torna-se necessário enfatizar a importância de se compreender tal prática, enquanto fenômeno socioantropológico e tendo-se como pressuposto o objetivo de traduzir em pesquisas esse fato evidente e entrelaçado com as condições sociais em que estão sujeitos os indivíduos. Não foi por acaso que a Organização Mundial de Saúde colocou o suicídio como um relevante problema de saúde pública, que poderá ser atenuado por meio de estratégias de políticas de prevenção.

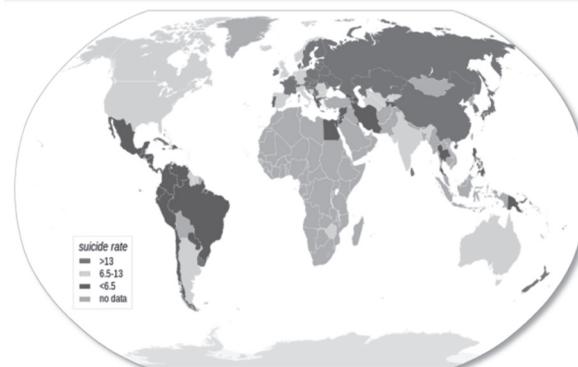
Como atributo da autoviolência, muitos estudos ligam o suicídio a um desequilíbrio dos seres vivos, visto que a manutenção das espécies deve ser mantida e almejada por todos que a compõe. A sociologia apresenta em seu *best seller*, O Suicídio (1897) de autoria do sociólogo francês Émile Durkheim um marco científico das ciências sociais, uma base legítima e agregadora a outras ciências, como a Psicologia Social de Cassorla (1985) e a Epidemiologia de Ramos e Minayo (2006).

Segundo Durkheim, às sociedades menos homogêneas, como nos países subdesenvolvidos apresentados no resultado deste trabalho, pode-se atribuir característica da “solidariedade mecânica”, conscientes do papel da coletividade em detrimento do papel individual, suprimindo, por assim dizer, a personalidade do indivíduo. Ou seja, o indivíduo é uma coisa da sociedade e a consciência individual é uma simples dependência do tipo coletivo e todos os indivíduos são

parecidos. Conceito este, que para o autor delimita as experiências similares, as crenças compartilhadas e consequente pertença dos indivíduos dentro sociedade (GIDDENS, 1999).

Diante exposto e conforme resultado, o aumento das taxas de suicídio no mundo teve ligação direta com a ruptura de laços sociais, fato que desencadeia o individualismo de seres “vivos” que também são “sociais”, visto que ninguém nasce desprovido de vínculo social. Segundo Minayo (1998), o crescimento do suicídio deve ser considerado um problema relevante do ponto de vista sociológico, porque as expressões de violência precisam ser analisadas e compreendidas no contexto das relações socioculturais que ocorrem.

Figura 1 – Casos de suicídio por 100.000 habitantes



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=1956447>

Corroborando com a ideia de que a não solidariedade proposta por Durkheim leva ao individualismo entre os seres humanos, Duarte (1998) e Cavalcante (2004) demandam observar que diferentes sociedades e sistemas culturais, especialmente os países mais industrializados, dispõem de relações interpessoais limítrofes e na verdade doentia. Essa solidariedade é uma espécie de necessidade que o ser humano tem de viver em conjunto (FIGURA 1).

Consideram-se fatores associados ao suicídio: as tentativas prévias, a doença afetiva, o isolamento social, a história familiar, a declaração de intenções e

uma série de variáveis demográficas e socioeconômicas. No Canadá, os índios, os jovens, os idosos, os prisioneiros, os homossexuais e pessoas com história familiar de suicídio são grupos em risco. Acrescentam-se as situações de: adição a drogas, eventos estressores e doença terminal.

Cinco situações foram descritas como as mais importantes no comportamento suicida atual: 1) o aumento na prevalência de transtornos depressivos; 2) o aumento do uso abusivo de substâncias psicoativas; 3) mudanças psicobiológicas, como a diminuição na data de início da puberdade; 4) aumento no número de estressores sociais; 5) mudança nos padrões de aceitação de comportamentos suicidas e aumento na disponibilidade de modelos suicidas. Os problemas mentais e o excesso de drogas estão presentes em 90% dos suicídios na Europa e Estados Unidos (ROSA et al., 2017).

Desse modo, portanto, em uma dimensão relevante ao estudo do suicídio, compreende-se que a antropologia feita é na verdade o estudo de uma cultura que se mistura de maneira desordenada. Tomar o suicídio como a segunda maior causa morte de indivíduos entre 15 a 29 anos, sobretudo do sexo masculino é pujante observar, que é entre essa faixa etária que deveria estabelecer-se os maiores vínculos do indivíduo, tais como ingresso ao ensino superior (faculdade), organização dos afetos propostos pelo matrimônio (família), geração de descendentes (filhos). Entretanto, quando este processo estruturante da sociedade, por meio de uma acelerada cultura imediatista e “desafetuosa” dos dias de hoje, se rompe, reproduz sujeitos “solitários” e vítimas da opressão dos sentidos. A cultura individualista torna-se incapaz de observar a si e ao próximo, como simbiose para manutenção do desejo de viver.

No tocante a categoria vítima, relacionadas às pessoas que cometem suicídio examino a comunidade emocional desses sujeitos, apesar da pouca literatura brasileira que possamos denominar de “cultura da autoviolência”. Por ora tomei da cultura colombiana o olhar dessa categorização como indispensável na mediação simbólica das tentativas suicida e do suicídio consumado.

Nesse contexto, Jimeno (2010) traz a experiência da Colômbia, por muitos anos estigmatizada como povo violento, em decorrência de elevadas taxas existente no país e reitera a capacidade política, quando observada a condição social de vitimização. A partir desse conhecimento e apreciado os meios de acesso aos materiais utilizados na prática suicida, em particular o uso de pesticidas, a prática do enforcamento e o uso de arma de fogo, posto no resultado deste trabalho, fica eminente a proposta por Minayo (1998) de que o suicídio é um caso de saúde pública.

O suicídio é uma morte escancarada (KOVÁCS, 2005) e interdita. Segundo Áries (1977 apud SANTIAGO, 2011) as suas características principais são: ser repentina e traumática, por provocar prejuízos devastadores na vida de quem foi impactado pela autoaniquilação de um ente querido. É uma morte que causa sobressalto, assombro e torpor, provoca a sensação de caos nos sobreviventes, o qual inicia uma jornada que o retira do conhecido, provocando a sensação de que está em uma montanha russa, cujo controle está fora do seu alcance.

Concomitantemente, o que se mata, torna-se alvo de julgamentos, condenações e diversas elucubrações a respeito dos motivos que o conduziram a sua morte. Porém, deve-se ressaltar que nunca se saberá a verdade a respeito das motivações e dores psíquicas que o fizeram preferir a morte. Ao morrer, ele leva a dor e a verdade, porém o ato gera impactos na sociedade, através dos enlutados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

O objetivo do presente artigo foi refletir uma possível reaproximação do tema suicídio com as ciências sociais, bem como propor a sua análise com as pesquisas deste fenômeno.

É certo que a prática suicida é um fenômeno complexo na sociedade pós-moderna como um todo, independentemente do nível simbólico econômico e social que o descreve, tornando-se necessária a reflexão constante do aspecto relacional, para além do padrão de vida entre baixo

e médio, industrial e não industrial, desenvolvido e não desenvolvido, mas satisfatórios quanto aos condicionantes psicossociais de manutenção da própria vida.

Contudo, é possível perceber que a reflexão sociológica do suicídio ainda não foi alçada de acordo com sua capacidade protagonista no meio científico acadêmico da atualidade, a despeito da apropriação adquirida do tema por campos científicos teóricos não socioantropológicos.

A despeito dos estudos científicos, verifica-se que há carência de participação das ciências sociais dentro das análises, muito embora tenha tido Durkheim como autor base, haja vista o empenho categórico da psiquiatria responsável por grande parte das pesquisas.

A despeito das informações do banco de dados, muitos ainda expressam a primazia das causas sociais que levam o ser humano a cometer suicídio e não negligência e segrega a situação de vida sustentável, adotam paralelos estruturantes da sociedade individualista pós-moderna e industrial. O foco muitas vezes é na observação do contexto vivido das relações sociais imediatistas, expressas de forma temporária ou perene na vida dos indivíduos, observada a construção perdida dos sentidos e decorrente prática de autoviolência. Como viver numa selva de concreto sem cimentar laços sociais de solidariedade e humanidade? Qual fato social suporta o vazio dos laços que motivam o homem a construir relações individuais que não representem grupos?

Contudo, é oportuno é retomar as palavras de Durkheim (2000 [original de 1897], p. 507):

Mas, na realidade, o sistema mental de um povo é um sistema de forças definidas que não podem ser desordenadas nem reordenadas por meio de simples injunções. Ele está ligado, com efeito, à maneira pela qual os elementos sociais estão agrupados ou organizados. Dado um povo, formado por um certo número de indivíduos dispostos de uma certa maneira, dele resulta um conjunto determinado de idéias e de práticas coletivas, que permanecem constantes enquanto as condições de que elas dependem permanecem idênticas.

Em última análise, sob o pressuposto teórico dos cientistas sociais, cabe a importante tarefa de refle-

tir e explorar todas as causas do suicídio, tornando-se plausível se pensar em políticas de prevenção que diminua a taxa de prevalência dos casos. Nessas circunstâncias, fez-se necessário destacar que a morte intencional praticada pelo próprio indivíduo requer, fundamentalmente, o envolvimento das ciências compatíveis com o objetivo de compreender por que o desejo pela morte é comumente idealizado em diferentes partes do mundo.

REFERÊNCIAS

BERTOLOTE, José Manoel; MELLO-SANTOS, Carolina de; BOTEGA, Neury José. Detecção do risco de suicídio nos serviços de emergência psiquiátrica.

Revista Brasileira de Psiquiatria, [s.l.], v.32, n.2, p.87-95, out. 2010. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1516-44462010000600005>>. Acesso em: 01 Mai. 2018.

CAVALCANTE, Thayene Gomes. Individualismo e Cultura: uma abordagem de algumas perspectivas de estudo na antropologia do mundo contemporâneo. In: **CAOS** – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, v.7, p.41-54.

CASSORLA, Roosevelt Moisés Smeke. **O que é suicídio**. Coleção Primeiros Passos. V.127, Brasiliense, 1985.

DUARTE, Luiz Fernando Dias; LEAL, Ondina Fachel. **Doença, sofrimento, perturbação**: perspectivas etnográficas. SciELO-Editora FIOCRUZ, 1998.

DURKHEIM, Émile. 2004. **O suicídio**: estudo de sociologia. Tradução Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1897.

GIDDENS, Anthony. **Teoria social hoje**. UNESP, 1999.

GONÇALVES, Ludmilla R.C.; GONÇALVES, Eduardo; OLIVEIRA JÚNIOR, Lourival Batista de.

Determinantes espaciais e socioeconômicos do suicídio no Brasil: uma abordagem regional. **Nova Economia**, v.21, n.2, p.281-316, 2011.

JIMENO, Myriam. Emoções e política: a vítima e a construção de comunidades emocionais. **Mana**, v.16, n.1, p.99-121, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A autoviolência, objeto da sociologia e problema de saúde pública. **Cad. saúde pública**, v.14, n.2, p.421-428, 1998.

SOUZA, Edinilsa Ramos de; MINAYO, Maria Cecília de Souza; CAVALCANTE, Fátima Gonçalves. **O impacto do suicídio sobre a morbimortalidade da população de Itabira**. 2006.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

1 Aluna do Mestrado Interdisciplinar em Perícias Forense da Universidade de Pernambuco – UPE-PE; Especialista em Gestão de Programas e Projetos Sociais pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP-PE; Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE-PE. Desenvolve estudos na linha de pesquisa violência e suicídio. E-mail: dani-xhdh1@gmail.com

2 Docente do Mestrado Interdisciplinar em Perícias Forense da Universidade de Pernambuco – UPE-PE; Doutora e Mestra em Odontologia pela Universidade de Pernambuco – UPE-PE; Graduada em Psicologia e Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP-PE. Orienta estudos na linha de pesquisa violência e suicídio. E-mail: socorrorestes@yahoo.com.br

3 Docente do Mestrado Interdisciplinar em Perícias Forense da Universidade de Pernambuco – UPE-PE; Doutora e Mestra em Saúde Pública pela Universidade de Pernambuco – UPE-PE; Graduada em Enfermagem pela Universidade de Pernambuco – UPE-PE. Orienta estudos na linha de pesquisa violência. E-mail: aconradoalmeida@yahoo.com.br

Recebido em: 24 de Abril de 2017
Avaliado em: 23 de Novembro de 2017
Aceito em : 23 de Abril de 2018
